

Ficção de *slash* na internet como espaço heterotópico e de resistência *queer*

Chatarina Edfeldt¹

Universidade de Dalarna

Anabela Galhardo Couto

IADE- Universidade Europeia

Resumo: Partindo do contexto da “fandom culture”, este artigo incide a atenção nos subgéneros de *ficção de fãs* (“fan fiction”) e explora o modo como estes contestam géneros sexuais fixos e posições de sujeito disponíveis na sociedade normativa. Uma vertente, particularmente forte, entre os subgéneros de *ficção de fãs* é o “slash” (“same pairing”): o emparelhamento sexual ou romântico entre duas personagens do mesmo sexo que na história original são heterossexuais. A partir do conceito de *re-escrita*, analisa-se um *corpus* de textos de *slash* em português (do Brasil e de Portugal), publicados nas páginas “Archive of Our Own” e “Spirit Fanfics e Histórias”. Estas ficções reelaboram e reinventam narrativas de heteronormatividade, colocando as suas personagens favoritas em cenários alternativos, desta forma explorando o que significa ser *queer*, em termos de agência individual e de poder. Ao reelaborar as narrativas favoritas (canónicas e populares) e as suas personagens preferidas, @s escritor@s/fãs inscrevem-nos em novas situações e subjectividades que desafiam os discursos de heteronormatividade, deste modo configurando os elementos para uma *heterotopia queer*.

Palavras-chave: Ficção de fãs; espaços de resistência queer; heterotopias queer; ficção de slash

Abstract: This article focuses on some subgenres of *fan fiction* and explores how they challenge fixed gendered, sexual and subject positions prevalent in the normative society. One particularly strong strand

among these subgenres is *slash* (same pairing): the sexual or romantic pairing of two same-sex characters who in the original story are heterosexual. Drawing on the concept of *rewriting* we analyze a corpus of *slash* texts in Portuguese (from Brazil and Portugal), published on the online communities “Archive of Our Own” and “Spirit Fanfics e Histórias”. These fan stories rework and reinvent narratives of heteronormativity through placing their favorite characters into alternative settings, and thereby exploring the means of being *queer* in terms of individual agency and power. By *rewriting* their favorite narratives (canonical and popular) and favorite characters, fan-writers inscribe them into new situations and subjectivities that challenge the discourses of heteronormativity, thus configuring the elements for a *queer* heterotopia.

Keywords: Fan Fiction; queer space of resistance; queer heterotopia; slash fictions

I think that slash fandom is a space that invites queer potential. Not all acts within its diffuse borders are queer, but many of them are. Not all slash products are queer in their content, but they can be – and many of them in ways more profoundly transgressive than simply containing m/m or f/f relationships. Not all slash fans identify as queer, but this space provides room for people to queer their identities. Queerness isn’t a mandate here – it’s an open possibility.

(Lothian et al (2007))

Neste artigo incidimos sobre alguns subgéneros de *ficção de fãs* (*fan fiction* ou *fanfic*) – que se constituem como uma subcultura digital. Em geral, todos os géneros de *ficção de fãs* se apropriam de narrativas e personagens provenientes maioritariamente do universo da cultura *pop* e das indústrias de entretenimento (séries, filmes, BD, celebridades, livros etc.) e reelaboram-nos, produzindo novas histórias. Mais especificamente, abordaremos subgéneros narrativos que se concentram em contestar géneros sexuais fixos e orientações sexuais normativas, ainda prevaletentes nas nossas sociedades. Assim, partindo de uma perspetiva guiada pelas ideias de *re-escrita* e “talk-back”² das narrativas hegemónicas e

normativas, abordaremos textos de *slash* (“same-pairing”) – ou seja, o emparelhamento romântico e/ou sexual entre duas personagens do mesmo sexo, que na narrativa original são heterossexuais –, que recolocam as suas personagens favoritas em cenários alternativos, desta forma explorando o que significa ser *queer*, em termos de agência individual e de poder. Esta produção desenvolve-se em comunidades online e, mais do que os textos *per se*, argumentaremos que é a acumulação das actividades interactivas culturais que estes suscitam que constitui um espaço discursivo *queer* com um elevado potencial de resistência social.

Começaremos por enquadrar estes subgéneros no contexto mais geral da discussão em torno da *ficção de fãs* e da *ficção queer*, e passaremos depois a explorar textos *slash* escritos em português (do Brasil e de Portugal), a partir de um *corpus* de textos publicados nas páginas de comunidades de *ficção de fãs*: “Archive of Our Own” e “Spirit Fanfics e Histórias”.³

“Fan culture” é uma subcultura digital, transnacional, de perfil maioritariamente jovem, que se tem desenvolvido extraordinariamente em comunidades na internet durante as últimas décadas. Longe de se limitarem a consumir os seus produtos culturais favoritos, @s fãs⁴ criam as suas próprias narrativas – filmes, traduções, artes, histórias, etc. – a partir das narrativas existentes (sobretudo da cultura *pop*) na literatura, nos filmes, no teatro, nas telenovelas, etc. Entre os diferentes tipos de produção, a *fanfic* é um dos mais cultivados. Atualmente assiste-se a uma enorme abundância de comunidades, com páginas de web, onde @s fãs – de todo o mundo – se reúnem e lêem, publicam, comentam e dão conselhos criativos. Partindo sempre de uma história conhecida (designada por *cânone*), as novas histórias ora vêm preencher lacunas, ora contar “prequels” ou “sequels”, desenvolver narrativas em torno de uma personagem, reunir personagens de diferentes universos literários, combinar personagens de ficção com celebridades, mundos alternativos, e muito mais. Todas as actividades de fãs que se produzem em torno dessa narrativa original (o *cânone*), e todas as adaptações intermediárias (designadas por *fanon*) formam em conjunto com o original um “fandom”.

Assim, tendo em conta o seu carácter multifacetado e interativo, as comunidades de fãs na internet têm sido caracterizadas – por Henry Jenkins – como excelentes exemplos de

uma *cultura participativa* (“participatory culture”) onde a nova geração, os “prosumers” (consumidores/produtores), não se limitam somente a consumir (isto é ler ou ver) um livro ou filme, mas procuram também envolver-se activamente no seu conteúdo e produzir novo material (Jenkins 2006: 41). Assim, @s fãs não só discutem, comentam o ideário das obras de referência que os apaixonam como ainda expandem o seu universo literário através da produção de novas ficções em colaboração com outras e outros participantes. Esta característica das comunidades de fãs, de serem altamente criativas e interactivas, tem gerado interesse junto de várias áreas académicas: por exemplo nos Estudos de Media (cf. Jenkins 2002, 2006, 2008), nas áreas das Didáticas (cf. Black 2005; Olin-Scheller/Wikström 2010), nos Estudos Literários (cf. Derecho 2006; Kaplan 2006) e também nos Estudos Feministas e *Queer* (que vamos abordar adiante). Estes estudos têm sublinhado o papel das comunidades de fãs como “passiondriven informal learning environments” (Gee/Hayes 2011), funcionando como autênticas escolas de escrita criativa⁵ e de habilidades digitais (cf. Black 2009), e têm também salientado que este tipo de actividade influencia positivamente a formação de identidades e a aquisição de habilidades sociais e interculturais (Olin-Scheller/Wikström 2010).

A este ambiente altamente criativo do fandom e da *fanfic*, associa-se, também, a riqueza da invenção de um número enorme de novos géneros e termos literários criados pel@s fãs. A adaptação do género para a internet facilitou a criação de comunidades e de possibilidades de *queering*. Para além do *slash*, o emparelhamento entre duas personagens do mesmo sexo que na história original são heterossexuais, assinalado como F/F (feminino/feminino) e M/M (masculino/masculino), há uma grande variedade de outros géneros, incluindo a mudança de sexo das personagens (“gender-bender” e “gender-swap”), transsexualidade, “cross-dressing” ou “Mpreg”, (narrativas de M/M com homens que engravidam) e muitos mais. De facto, uma grande parte dos géneros de *fanfic* pode ser categorizada na vertente *queer*. Consequentemente, o elevado número de narrativas explorado por estes géneros prova também o lugar predominante que elas ocupam nestas comunidades. Os seguintes dados exemplificativos são retirados de uma busca recente na

“Archive of Our Own”.⁶ Esta comunidade *web* abriga mais de 3 800 000 textos publicados, 1 393 000 membros e mais de 28 “fandoms”. Entre estes textos encontram-se:

- 108 019 textos categorizados como “slash”
- 1 857 868 textos de “M/M”
- 305 330 textos de “F/F”
- 23 777 textos de “Femslash” e “femmeslash”

Os textos de M/M constituem só por si mais de um terço do total dos textos publicados, o que ilustra a magnitude desta vertente *queer*. Outro exemplo, retirado da plataforma “Youtube”, a partir de uma busca realizada em Maio de 2018, mostra como o “Femslash” gerou, aproximadamente, 70 000 vídeos. E um outro subgénero de *slash* chamado “Drarry” (emparelhamento de Harry Potter e Draco Malfoy) gerou 44 200 vídeos. Assim, entre os subgéneros de *fanfic*, o o *slash* é uma vertente particularmente forte. Uma das razões pelas quais esta vertente de ficção queerizada ocupa, atualmente, esta posição tão proeminente nas comunidades de *fanfic* pode-se encontrar na genealogia da *ficção de fãs*. Antes da internet, quando a *fanfic* se desenvolveu, por meio de “fanzines” (folhetos), o *slash* já era um dos géneros maiores. Na década de 1960, o *slash* desenvolveu-se com o emparelhamento do capitão Spock com o capitão Kirk, de *Stark Trek*.

Quem são, então, os escritores do *slash*? E serão todos estes textos, embora com um tópico *queer*, necessariamente subversivos, no sentido de contestarem o padrão binário e heteronormativo? É muito difícil saber e apresentar estatísticas demográficas sobre os escritores de *fanfics*, pois está na essência desta actividade escrever sob anonimato. As narrativas são completamente livres de marcas identitárias, não registando idade, sexo ou nacionalidade. Com um tão elevado número de narrativas de *slash* é óbvio que não há uma forma homogénea de categorizar os textos ou os escritores. A seguir, destacamos somente algumas características interessantes.

O facto de o género *slash* se ter, logo de início, estabelecido na subcultura de *ficção de fãs*, torna-o familiar aos jovens escritores, de modo que é comum @ fã explorar e escrever a sua própria “slash story”, quer tenha ou não uma necessidade pessoal para

explorar identidades sexuais ou uma relação homo- ou bissexual. Estudos anteriores têm apresentado o facto de que são, em maioria, as mulheres que escrevem *fanfic*. É, também, um fato bem documentado que um grande número das escritoras que escreveram *slash* no início – isto é o já mencionado emparelhamento sexual entre Spock e Kirk – eram mulheres heterossexuais. Este protagonismo feminino na área de *fanfic* tem atraído o interesse dos Estudos Feministas, que têm apresentado várias respostas às perguntas: Por que gostam as mulheres de escrever *fanfic*, em geral, e *slash*, em particular? Por que razão parece haver – nas palavras de Henry Jenkins – um “normal female interest in male bonking”? (2006). Estes estudos centram-se no ângulo de que se trata de uma *re-escrita*, e levantam a questão da posição subordinada da mulher nas narrativas normativas de sexualidade, quer na sociedade em geral, quer na cultura *pop* (Derecho 2006; Jenkins 2006). Outras leituras feministas têm salientado que o *slash* oferece relações do mesmo sexo como modelo para um relacionamento mais igualitário (Lothian *et al* 2007).

Por outro lado, é evidente também que a maioria dos textos de *slash*, e os dos outros géneros *queer*, são escritos a partir de, e sobre, orientações sexuais não-normativas. Efetivamente, estas comunidades acolhem uma abundância de narrativas de “saída do armário” e alguns estudos têm considerado os *slash fandoms* como “queer female spaces” (Lothian *et al* 2007: 103). Além disso, um grande número de “slashers” possui um elevado grau de conhecimento sobre teorias *queer* e feministas. Não só incorporam nos seus textos terminologia relevante e uma crítica ao binarismo na sociedade normativa, mas também publicam textos de debate e de intervenção nestas comunidades. Assim, as comunidades de *slash* funcionam como espaços de discussão e contêm um diálogo interactivo muito bem informado em relação às políticas de diferença e de inclusão. Por exemplo, num debate recente no blog *Tumblr*, ao discutir-se as narrativas do género “gender-swap”, estas foram criticadas por funcionarem a partir de um padrão binário – ao trocar de sexo. Assim, torna-se claro que não será, necessariamente, ao nível textual que a resistência *queer* à sociedade normativa se manifesta e se desenvolve, mas mais nestas comunidades como espaço de diálogo interactivo e criativo.

Segundo os escritores, há duas formas de produzir “slash fiction”: a primeira,

sustenta que a narrativa *slash* é sempre uma fantasia original do “*slasher*”, e a segunda, defende que o *slasher*, ao escrever a sua fantasia, seja na versão M/M ou F/F, só está a resgatar e a realçar uma relação homoerótica que já existe no subtexto da narrativa original. Exemplo desta última forma é o caso de Sherlock Holmes e Dr. Watson na série *Sherlock* da BBC – que tem gerado um número impressionante de *slash* – até ao ponto de o próprio argumento da série ter entrado em diálogo com o seu “*slasher-fanbase*”. É também o caso do par Camões/Pessoa na série portuguesa *Ministério do Tempo*, como se verá adiante.

***Slash* em português**

Se é certo que muitos *ficwriters* de língua portuguesa optam por escrever em inglês, também é verdade que em blogues, redes sociais e plataformas proliferam textos em português, sendo o Brasil o maior produtor deste género de ficção digital. Uma pesquisa inquirindo por textos de *slash* em português nas plataformas “Archive of our Own” e “Spirit Fanfics e Histórias” revela-se bastante produtiva não só em termos quantitativos, mas também na criatividade e variedade de textos. É também intensa a interacção que os textos em português geram nas comunidades de fãs, que ora comentam e debatem vivamente os conteúdos, ora colaboram no processo de co-criação das narrativas, ora estimulam o seu desenvolvimento, no caso das múltiplas narrativas que se exibem ainda em processo de construção.

A inventividade deste universo revela-se, desde logo, no plano metaliterário, bem patente na proliferação de subgéneros e categorias que cruzam o *slash*, de que atrás se falou.⁷ Se a paródia, a transformação e a reescrita são a palavra de ordem no mundo criativo da *fanfic*, não surpreende que o cruzamento, a diluição de fronteiras, a hibridização de géneros literários e categorias, bem como a ausência de qualquer tipo de hierarquias e fronteiras se constituam também como os traços mais salientes deste “admirável mundo novo” da *fanfic* em português e em particular da *slash fiction*.

É assim que as histórias *slash* – reunindo pares homoeróticos que no cânone são heterossexuais – cruzam e intersectam várias tipologias textuais e categorias. A *Slash fic* em português pode situar-se ora num contexto tipológico *Darkfic* (depressivo), *Crackfic*

(bizarro), *Fluffy* (açucarado), ou num quadro de “aventura”, “ficção científica”, “universo alternativo”, etc. O *slash* pode cruzar-se com o *gender swap* (troca de sexo biológico por magia, ou por processos naturais) ou com o *cross-dressing*. Por sua vez, o emparelhamento amoroso, pode, por exemplo, adquirir uma tonalidade *Orange* (com cenas de sexo explícito entre mulheres) ou *Yaoi* (com cenas românticas entre personagens japonesas masculinas), etc.

A inventividade e o gosto pela diluição de categorias fixas que os textos em português apresentam revela-se não só na intensa prática de hibridização literária, mas também no gosto pela combinação das personagens e seus respetivos contextos ficcionais de origem, conforme se referiu atrás. Assim, a par das histórias amorosas entre pares do mesmo universo ficcional, encontram-se também as que combinam personagens de núcleos narrativos diferentes. Inscrevem-se no primeiro caso, por exemplo, os tão glosados e explorados amores da saga *Harry Potter* (Harry Potter/ Draco /Ronald Weasley, ou Hermione/Ginny), a exploração da relação homoerótica entre as heroínas do *Senhor dos Anéis* (Arwen/ Eéowyn) ou entre as heroínas de outras sagas populares como *Crepúsculo*, ou mesmo entre as protagonistas (detetive e patologista) de uma série televisiva como *Rizolli e Isles*.

A par destes, sucedem-se os emparelhamentos “crossover”. Estes combinam personagens oriundas de núcleos narrativos diferentes, por exemplo, Peter Parker do *Homem Aranha* com Wade Wilson do *Dead-Pool*, ou fantasiam relacionamentos amorosos entre personagens reais – celebridades, músicos, atores – com personagens fictícias provenientes de filmes, romances, jogos, BD, mitologia.

A título de curiosidade, veja-se, como exemplo do primeiro caso, a revisitação de *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós, que fantasia um envolvimento amoroso e sexual entre Jacinto e Zé Fernandes. Na nota de apresentação do texto na plataforma “Archive of our Own”, o sumário informa: “Texto do livro modificado para ser mais gay”. E acerca da motivação criativa deste *pairing* (a que não é alheia a inclusão de *A cidade e as serras* no programa escolar de estudos), com desarmante simplicidade e num tom oralizante e de insubordinação ortográfica, muito habitual nestes registos, o autor interroga-se: “N sei pq

to fazendo isso, acho q eh p ajudar todos os vestibulandos da vida, pq td fica melhor c gays n eh mesmo???”.⁸

Quanto aos emparelhamentos *crossover*, aponte-se, como exemplo, uma das múltiplas histórias que envolve o futebolista Cristiano Ronaldo, refigurando o personagem e transportando-o para os mais variados universos ficcionais. “A Tale of love” assinado com o pseudônimo Rayto Tsukishiro, reelabora um enredo vagamente inspirado na Bela Adormecida, fazendo de Cristiano Ronaldo um errante e “destemido cavaleiro medieval”. Nas suas deambulações pelo mundo, Cristiano depara com um reino caído em maldição onde o príncipe Kaká (ex-futebolista brasileiro), casado com o príncipe Schevchenko (ex-futebolista ucraniano), jaz como morto — pálido e belo — fruto de uma maldição. Arrebatado pela fria perfeição do adormecido Kaká, o cavaleiro Cristiano Ronaldo deposita o beijo vivificante: “Tamanho foi seu fascínio que seus lábios tocaram os lábios daquele ser encantado contra o tempo e todos rezaram estupefatos quando os olhos dele se abriram e seu corpo se ergueu”.⁹ E o “happyend” consagra o trio amoroso:

Maravilhado pelo príncipe e compadecido com seu desalento, o jovem e bravo cavaleiro se ofereceu para amá-lo. O Príncipe Kaká aceitou o amor do cavaleiro Cristiano Ronaldo, que finalmente sossegou.¹⁰

O jogo de identificações sexuais marginais ao cânone, que a *slash fiction* promove, prossegue na lógica de hibridização própria da *fan culture*, adversa a categorias estanques, onde qualquer limite ou fronteira entre centro e margens deixa de fazer sentido e onde a fluidez de identidades é uma constante. Neste tipo de horizonte narrativo, a cultura erudita funde-se com a cultura popular, numa espécie de nivelamento indisciplinado, avesso a qualquer tipo de hierarquias e fronteiras. É assim que a mesma narrativa pode combinar, numa amálgama feliz, elementos provenientes de universos tão díspares como os videojogos, a literatura clássica, o *anime*, os *reality shows*, ou a mitologia celta, ou indiana.

São várias as *Slashfic* com a *tag* “Camões”, por exemplo, que inscrevem o poeta e a sua poesia nos cenários narrativos mais improváveis. Centrada na paixão entre dois dos elementos da *boys band* masculina sul coreana, *Seventeen*, a *slashfic* “Lovehurts” assinada

por Sushisaa começa assim: “É como dizia Camões: ‘Amor é fogo que arde sem se ver... É ferida que dói e não se sente...’”.¹¹ E se a célebre afirmação pessoana de que “todas as cartas de amor são ridículas” dá o mote para o enredo da história do envolvimento homoerótico entre dois dos cantores (Baekhyum e Sehun) de *Exo*, outra banda musical adolescente sino-coreana,¹² também os versos de Alberto Caeiro podem servir de motivo para construir o núcleo, em torno do qual se constrói o enredo amoroso entre os membros masculinos (Kim Mingyu e Jeon Wonwoom) do já referido grupo musical sul coreano (*Seventeen*), na ficção *Yaoi* intitulada “Versos Ilegíves e incompletos” assinada com o pseudónimo Cha StellaL.¹³

Não deixa de ser fascinante a presença ou a citação de Camões ou Pessoa e seus heterónimos em textos que se ancoram em contextos culturais aparentemente tão longínquos como seja o terreno criativo das indústrias de entretenimento, produzidas por grandes editoras (neste caso, coreanas), cujos projetos artísticos meticulosamente submetidos às mais sofisticadas estratégias de *marketing* têm como fito principal a maximização de lucros.

Neste imaginário de reconfiguração de pares amorosos, vale a pena chamar a atenção para o romance idealizado entre Luís de Camões e Fernando Pessoa, tema tornado muito popular na *fanfiction* a partir do encontro entre os dois poetas num dos episódios da série televisiva portuguesa *Ministério do Tempo*.¹⁴ No episódio 21 daquela série de ficção histórica e fantástica, os agentes secretos governamentais que viajam no tempo têm a missão de repor a ordem histórica que o rei castelhano Filipe I alterou. Nesse contexto, tem lugar um encontro entre Camões e Fernando Pessoa, ambos integrando as forças de resistência contra o rei. Este episódio da série televisiva ocasionou o surgimento de várias *slashfic* que romantizaram um envolvimento amoroso dos poetas e que poderá ser um exemplo de sub-texto homoerótico, de que se falou atrás.

Veja-se, a este propósito, a narrativa “Poesia, anacronismo e distopias”, assinada por Pseudo L, disponível na plataforma “Archive of our own”. O sumário que antecede a ficção esclarece: “Numa distopia criada por D. Filipe I de Portugal, dois poetas de épocas diferentes tentam ser felizes”. Leia-se um excerto do diálogo entre os poetas amantes, onde o carácter passional de Camões contrasta com uma certa frieza emocional de Pessoa:

Camões abraçou Fernando fortemente e deu-lhe um beijo leve na testa, coisa que Camões sabia que Fernando não gostava por causa da sua imensa barba que lhe fazia cócegas.

– Luis Vaz, acho que já lhe avisei imensas vezes sobre o facto da sua barba me incomodar e que devíamos ter mais cuidado, sabe muito bem o que pode acontecer se a Santa Inquisição nos apanha.

– Sei bastante bem, mas não consigo evitar, amor meu.

Desculpou-se Camões beijando de seguida o outro poeta, ignorando totalmente o que lhe foi dito.

– Se imaginásseis o que me causais, Fernando. Esse fogo que...

– Arde sem se ver... Eu sei... eu sei a cantiga toda, Luis Vaz, mas agora tendes de voltar ao trabalho antes que alguém dê por sua falta.

Camões tentava mostrar o seu desagrado por ter de deixar o dono dos seus afectos, mas sabia que Fernando não ia ceder à sua vontade e por isso antes de sair da sala de controlo, beijou-o novamente e prometeu-lhe que acabariam a conversa durante o turno de vigia dos corredores nessa mesma noite.¹⁵

Nos vários comentários (*feedback*) que a *fanfic* de Pseudo L suscitou é notório o entusiasmo perante a relação homoerótica entre os dois poetas que o texto explora. Um desses comentários diz: “Vim à *tag* do *Ministério do Tempo* só naquela e dei com a *fanfic* que eu não sabia que precisava para a minha vida. Amei! Amei! Amei! Camões e Pessoa são o Ship dos Sonhos, que atravessa todo o tempo e espaço e inspira o coração dos poetas”. Outro comentador, com o pseudónimo de Captain Gaston, escreve: “Isto mudou-me a vida. Obrigado.” E outro: “Nandinho exasperado com o Camões é o headcanon perfeito, pois sabemos que o Camões ia vir sempre com essa ao ponto da exaustão” (*ibidem*).

Pese embora a ingenuidade de muitos textos e seus comentários — convém não esquecer que estamos perante uma camada muito jovem de *writers* e *fans* — esta vertente da *fandom culture* revela-se de interesse a vários títulos. Estas práticas de escrita, partilha, diálogo e interacção que rodeiam a *slash fiction* e que fazem parte do dia a dia de muitos jovens, poderão aproximar-se do conceito de “astúcias” do quotidiano com o qual Michel de Certeau, na obra *L’Invention du quotidien* designa os pequenos exercícios de subversão a que certas práticas do fazer correspondem. Nessa obra, Michel de Certeau analisa as práticas, os modos de fazer quotidianos – falas, gestos, movimentos, coisas das massas anónimas, detectando pequenos desvios da norma, “astúcias dos consumidores” que proliferam no interior das estruturas do sistema, ainda que sem confronto direto aos poderes sociais

(Certeau 1984: 29-42). Também estes pequenos gestos dos *slashers* e seus *fans*, estas práticas de insubordinação e de identificações sexuais marginais, acabam por criar uma resistência, revelando uma apropriação do espaço social, resignificando-o.

Conclusão

Apropriando-se de figuras canónicas em parte criadas pelas grandes indústrias culturais, retirando-as do seu contexto de origem e reelaborando-as e resignificando-as, estas ficções constituem um instrumento para debater e fazer implodir dicotomias, identidades fixas e configurar formas de resistência à categorização, à norma simbólica à homogeneização cultural, à normatividade e, em especial, à heteronormatividade, apontando para uma fluidez de identidades.

Estas qualidades dos textos de *slash* têm levado alguns investigadores a caracterizá-los com uma actividade utópica. Nas palavras de Ika Willis: “what is specifically utopian then is the text’s potential to produce and foster subject positions and collectivities which do *not yet exist*” (Willis 2007: 4).

Porém, retomamos a ideia de que não será, necessariamente, ao nível textual que a resistência *queer* à sociedade normativa se manifesta e se desenvolve, mas mais nestas comunidades como “espaço”. Incluindo um elevado número de participantes, características de interactividade, liberdade de se expressar sob anonimato, e sobretudo, uma imaginação criativa e um corpo de fantasias sem limites em relação a um espaço identitário múltiplo, este espaço poderá corresponder a um lugar concreto de *resistência queer*. É esta concretização num espaço comunitário que nos permite ler a *slash fiction* como uma espécie de heterotopia *queer*.¹⁶ Como se sabe, as utopias (*u-topos*, lugar nenhum), são sítios imaginários, sem lugar real. Pelo contrário, as heterotopias, tal como Foucault as define, são contra-lugares, espécies de utopias efetivamente realizadas.¹⁷ Poder-se-á dizer, então, que no mundo bem real (embora virtual) da internet e dos *social media* estas reconfigurações utópicas de pares e imaginários *queer* são diariamente praticadas, atualizadas, partilhadas.

NOTAS

¹ Este trabalho foi realizado no âmbito da Linha de Investigação “Intersexualidades”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Programa Estratégico “UID/ELT/00500/2013” e por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade – COMPETE “POCI-01-0145-FEDER-007339”.

² Utilizamos o conceito de *re-escrita* e “talk back”, a partir dos Estudos de Género, *Queer*, Pós-Coloniais e Feministas – como um processo de renegociar “posições de sujeito” e relações de poder através do ato de re-escrever a literatura, desafiando as grandes narrativas mestras e, neste caso em particular, desafiando o discurso da heteronormatividade na sociedade.

³ “Archive of Our Own” é uma comunidade *online* cuja plataforma publica sobretudo textos de *fanfic* em inglês, mas que reúne escritores de *fanfic* de todo o mundo. “Spirit Fanfic e Histórias” publica principalmente narrativas em português e autodefine-se da seguinte maneira na sua página: “Spirit Fanfics e Histórias é uma plataforma para autopublicação de Livros. Solte sua imaginação, escreva suas histórias, tenha sua própria página personalizada, compartilhe ideias, faça amizades” <<https://www.spiritfanfiction.com/>> (último acesso em 5/12/2018).

⁴ Henry Jenkins (1992; 2006) tem apresentado estudos pioneiros e inovadores sobre a *cultura d@s fãs*, nos quais desconstrói a imagem negativa prevalecente de *fã*, como um fanático estereotipado, e reinterpreta-o/a como um membro apaixonado e criativo de uma comunidade. Nas palavras de Jenkins: “One becomes a ‘fan’ not by being a regular viewer of a particular program [ou outra narrativa criativa] but by translating that viewing into some kind of cultural activity, by sharing feelings and thoughts about the program content with friends, by joining a ‘community’ of other fans who share common interests” (Jenkins 2006: 41).

⁵ As comunidades online abrigam “beta readers” ensinando aos iniciados as normas de escrita e com o “feedback” construtivo d@s outr@s fãs que prodigalizam conselhos sobre como desenvolver as personagens, a trama, etc.

⁶ Pesquisa efectuada na plataforma de web “Archive of Our Own” em Maio 2018. <<https://archiveofourown.org/>> (último acesso 5/12/2018).

⁷ Veja-se a extensa e meticulosa listagem de géneros textuais, categorias e *tags* que classificam os textos na plataforma *Spirit fanfiction* e também o elevado número de categorias em que cada texto se inscreve

⁸ *Fanfic* “A Cidade e as Serras” < <https://archiveofourown.org/works/7120057/chapters/16172482>> (último acesso 5/12/2018).

⁹ *Fanfic* “A Tale of love”, de Rayto Tsukishiro.

<https://archiveofourown.org/works/942213> (último acesso 5/12/2018).

¹⁰ *Fanfic* “A Tale of love”, de Rayto Tsukishiro.

<https://archiveofourown.org/works/942213> (último acesso 5/12/2018).

¹¹ *Fanfic* “Love Hurts”, escrita por sushisaa <<https://www.spiritfanfiction.com/historia/love-hurts-12750881>> (último acesso em 18/04/2018).

¹² “A narrativa intitula-se “Já o grande poeta dizia”, e é assinada por Lullaby. Reza a sinopse: “Já o grande poeta dizia, as cartas de amor, se há amor, têm de ser ridículas. Por isso não te espantes se um dia a tua caixa de correio se encher com mais de duzentas cartas, notas e bilhetes de amor, de cores claras e tons pastel”. <<https://www.spiritfanfiction.com/historia/ja-o-grande-poeta-dizia-11474035>> (último acesso em 30/12/2017).

¹³ *Fanfic* “Versos Ilegíveis e incompletos” de ChaStellaL. <<https://www.spiritfanfiction.com/historia/versos-ilegíveis-e-incompletos-8030209>> (último acesso em 11/02/2017).

¹⁴ Série de ficção histórica e fantástica da RTP1, que estreou em janeiro de 2017, cujo argumento gira à volta da existência de um departamento secreto do governo português que viaja no tempo a fim de cumprir determinadas missões, cruzando-se com figuras várias da história de Portugal.

¹⁵ *Fanfic* “Poesia, anacronismo e distopias”, de Pseudo L, <<https://archiveofourown.org/works/11047275>> (último acesso em 30/05/2017).

¹⁶ Dando conta das comunidades de *fan fiction* de mulheres no ciberespaço, Bury vê o ciberespaço “as potentially heterotopic in their reworking and transgressing of norm” (Bury 2005: 28).

¹⁷ Nas palavras de Foucault: “Il y a dans toute culture, dans toute civilisation, des lieux réels [...] qui sont des sortes de contre-emplacements, sortes d'utopies effectivement réalisées dans lesquelles les emplacements réels, tous les autres emplacements réels que l'on peut trouver à l'intérieur de la culture sont à la fois représentés, contestés et inversés, [...]. Ces lieux, parce qu'ils sont absolument autres que tous les emplacements qu'ils reflètent et dont ils parlent, je les appellerai, par opposition aux utopies, les hétérotopies” (Foucault 1994: 752-762).

Bibliografia

Black, Rebecca W. (2005), "Access and Affiliation: The Literacy and Composition Practices of English-language Learners in an Online Fanfiction Community", *Journal of Adolescent & Adult Literacy*, no. 49, vol. 2, 118–128.

-- (2009), "English-Language Learners, Fan Communities and 21st-Century Skills", *Journal of Adolescent & Adult Literacy*, no. 52, vol. 8, 688–697.

Bury, Rhiannon (2005), *Cyberspaces of their Own: Female Fandoms Online*, New York, Peter Lang.

Certeau, Michel de (1984), *L'Invention du quotidien. 1 Arts de faire*, Paris, Gallimard.

Derecho, Abigail (2006), "Archontic Literature. A Definition, a History, and Several Theories of Fan Fiction" in *Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet*, Jefferson, McFarland & Co, 61-96.

Foucault, Michel (1994) [1984], "Des espaces autres", *Dits et écrits: 1954-1988*, t. IV (1980-1988), Paris, Éditions Gallimard, coll. Bibliothèque des sciences humaines.

Gee, James Paul / Elisabeth R. Hayes (2011), *Language and Learning in the Digital Age*, Abingdon, Oxon, Routledge.

Jenkins, Henry (1992), *Textual Poachers: Television Fans & Participatory Culture*, New York, Routledge.

-- (2006), *Fans, Bloggers, and Gamers: Exploring Participatory Culture*, New York, New York University Press.

-- (2008), *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide*, New York, New York University Press.

Kaplan, Deborah (2006), "Construction of Fan Fiction Characters Through Narrative", in *Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet*, Jefferson, McFarland & Co, 134-152.

Lothian, Alexis / Kristina Busse / Robin Anne Reid (2007), “Yearning Void and Infinite Potential: Online Slash Fandom as Queer Female Space” in *English Language Notes*, no 45.2, 103-111.

Olin-Scheller, Christina / Patrik Wikström (2010), *Författande fans*, Lund, Studentlitteratur.

Willis, Ika (2007), “Slash as queer utopia”, *Queer Space: Centres and Peripheries Conference at UTS*, Sydney, University of Technology, 1-6. URL < <https://ro.uow.edu.au/lhapapers/413/> > (último acesso em 5/12/2018).

Anabela Galhardo Couto é Doutorada em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2000). É Professora Associada no IADE-Universidade Europeia e Professora convidada na Universidade Aberta em Lisboa, onde leciona Expressões Culturais no Mestrado em Estudos sobre as Mulheres. Foi titular da Cátedra de Lingoa e Letteratura dei paesi di lingoa portoghese na Università degli studi della Tuscia. Membro de várias sociedades científicas e centros de investigação – CHAM-FCSH e CEMRI –, tem investigado e publicado estudos nos domínios da literatura e da cultura, dos estudos de género e da herança cultural. Integra vários projetos de Investigação nacionais e internacionais, nomeadamente o projeto europeu “Women Writers in History”-DARIAH-EU. Entre os diversos títulos publicados, contam-se os livros: *Que Coisa é o Design* (co-aut), Lisboa 2016; *Soggetti itineranti. Donne alla ricerca del Sé* (co-aut) Firenze 2013; *Histórias Breves de Admiráveis de Soror Maria do Céu*, Perugia 2012; *Teaching subjectivity: Travelling Selves for Feminist Pedagogy* (co-aut), Utrecht 2009; *Mulheres que Escrevem, Mulheres que Lêem: Repensar a Literatura pelo Género* (co-aut), Lisboa 2008; *Gli Abiti Neri: Letteratura Femminile del Barocco Portoghese*, Roma 2007; *Uma Arte de amar: Ensaio para uma cartografia amorosa*, Lisboa 2006.

Chatarina Edfeldt é Professora e Coordenadora do Departamento de Português na Universidade de Dalarna, Suécia. É membro do grupo de investigação “Literaturas, Identidades e Transculturalidade”, ISTUD na Univ. Dalarna e do projeto de investigação “Cosmopolitan and Vernacular Dynamics in World Literature” (www.worldlit.se). É ainda membro colaboradora do grupo “Intersexualidades” do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Universidade do Porto, e do CEMRI, na Universidade Aberta. Áreas de investigação recentes: Estudos de género e literaturas em Português; (re)pensando o “literatura-mundo” sob a perspectiva do género e das políticas de inclusão; investigar o género como categoria mediadora central na circulação, tradução e recepção estética de obras de língua portuguesa para lá das fronteiras nacionais. De entre as suas publicações, destaque-se: *Uma história na História. Representações da autoria feminina na História da Literatura Portuguesa do século XX* (Lisboa: Câmara do Montijo, 2006) e, mais recentemente, a co-organização do volume *Transcultural Identity Constructions in a Changing World* (Peter Lang, 2016).